



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Três Rios
Departamento de Ciências Econômicas e Exatas - DCEEX

OTÁVIO RODRIGUES VICENTE

O COMÉRCIO BRASIL-CHINA 2000-2014

Três Rios
Rio de Janeiro
2016

OTÁVIO RODRIGUES VICENTE

O COMÉRCIO BRASIL-CHINA 2000-2014

Monografia elaborada pelo acadêmico Otávio Rodrigues Vicente (matrícula 201160025-1) apresentada ao curso de Ciências Econômicas do Instituto Três Rios/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências Econômicas, sob a orientação do professor doutor Leandro Gomes da Silva.

Três Rios
Rio de Janeiro
2016

OTÁVIO RODRIGUES VICENTE

O COMÉRCIO BRASIL-CHINA 2000-2014

Monografia elaborada pelo acadêmico (matrícula 201160025-1) apresentada ao curso de Ciências Econômicas do Instituto Três Rios/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à conclusão de curso, sob a orientação do professor doutor Leandro Gomes da Silva.

Aprovada em de

Banca Examinadora:

Leandro Gomes da Silva

Elisa Alonso Monçores Viana

Flávio Ferreira de Miranda

Três Rios
Rio de Janeiro
2016

Aos queridos meus queridos pais e irmão,
que ao longo da vida se fizeram presente de
maneira única e incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Não é fácil restringir em um breve texto todos os momentos passados ao longo dessa jornada. Agradeço primeiramente à Deus, pelo dom da vida e por manter-me saudável e seguro para as tomadas de decisão tão importantes que se fizeram necessárias. Pelo apoio incondicional dos meus familiares, onde não encontrei cobrança por resultados, mas sim motivação para me dedicar e me fazer entender por que sempre acreditaram em mim e que sou capaz. Grandes amizades foram solidificadas dentro dessa trajetória e não podia deixar de ressaltar a importância dos meus amigos mais próximos, sejam eles da vida toda ou da universidade para a vida toda, pela paciência com os meus rompantes em momentos de incerteza e grosserias, pelo apoio em momentos de dificuldades sendo elas acadêmicas ou não. Agradeço também pela maturidade adquirida junto aos meus companheiros de trabalho, que se fez essencial para que eu pudesse concluir tal projeto. Sem dúvidas, tenho fé e convicção que o ensino de extrema qualidade recebido no Instituto Três Rios, representado por esse projeto não marca apenas o encerramento de uma etapa, mas sim a chave para abertura de diversos caminhos possíveis.

“No meio da dificuldade encontra-se a
oportunidade”

Albert Einstein

RESUMO

Buscou-se através do presente trabalho analisar, durante o período 2000-2014, o comportamento do comércio exterior brasileiro relacionado à economia chinesa. A análise foi feita com enfoque na própria economia brasileira, buscando descrever, através da trajetória macroeconômica do período, a conjuntura em que se pautou a evolução do comércio com o país asiático. Logo, apresentam-se as características da produção nacional destinada à China e a produção importada proveniente da mesma, bem como suas variações ao longo dos anos.

Palavras-chave: *Commodities*, Exportações, Fator agregado, Importações, Saldo comercial.

ABSTRACT

The present dissertation intends to analyze, during the period 2000-2014, the behavior of Brazilian foreign trade related to the Chinese economy. The analysis was done with a focus on the Brazilian economy itself, trying to describe, through the macroeconomic trajectory of the period, the conjuncture in which the evolution of trade with the Asian country was based. Therefore, the characteristics of the national production destined for China and the imported production coming from this country, as well as their variations over the years, are presented.

Keywords: Commodities, Export, Aggregate factor, Import, Trade balance.

LISTA DE GRÁFICOS

1.1 - Saldo comercial, importações e exportações.....	18
1.2 - Índice de preços das Import. e export. e termos de troca (média 2006=100)...	19
1.3 - Evolução dos bens básicos em termos de preço, volume e valor.	21
1.4 - Evolução dos bens semimanufaturados em termos de preço, volume e valor.	22
1.5 - Evolução dos bens manufaturados em termos de preço, volume e valor.....	23
1.6 - Participação nas exportações por fator agregado em percentual.....	24
1.7 - Taxa de crescimento das importações em termos de preço, volume e valor...	25
1.8 - Crescimento das import. por fator agregado (taxa de crescimento).....	26
1.9 - Saldo comercial por fator agregado.....	27
2.1 - Participação chinesa na balança comercial.....	29
2.2 - Taxa de crescimento das exportações.....	30
2.3 - Export. China - Fator agregado em bilhões.....	31
2.4 - Percentual export.China por fator agregado. Anos 2000, 2005, 2010, 2014...	32
2.5 - Taxa de crescimento das importações.....	35
2.6 - Percentual Import. China por fator agregado. Anos 2000, 2005, 2010, 2014...	37
2.7 - Saldo comercial por fator agregado.....	40

LISTA DE TABELAS

1.1 - Variáveis Macroeconômicas.....	17
2.1 - Índice CR4 – exportações.....	33
2.2 - Importações brasileiras – China. Totais por fator agregado em bilhões US\$.....	36
2.3 - Índice CR4 - importações.....	39

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Conjuntura econômica brasileira.....	13
1.1 A economia brasileira no período 2000-2014.....	13
1.2 O comércio exterior brasileiro no período 2000-2014.....	17
1.3 As exportações.....	20
1.4 As importações.....	24
2. As relações comerciais Brasil-China.....	28
2.1 A participação da China no comércio exterior brasileiro.....	28
2.2 O comportamento das exportações.....	29
2.3 A concentração da pauta exportadora para a China.....	32
2.4 As importações.....	34
2.5 A concentração da pauta de importação proveniente da China.....	38
2.6 O saldo comercial na relação Brasil-China.....	39
Conclusão.....	41
Referências Bibliográficas.....	43

Introdução

No período 2000-2014, a China se tornou a maior exportadora e a segunda maior importadora do mundo, bem como em boa parte do período conseguiu atingir taxas de crescimento econômico de aproximadamente 10% ao ano. Tal avanço se deu tanto na diversificação dos produtos quanto na modernização da produção chinesa.

Apesar de a China ser um país dotado de recursos naturais necessários à produção industrial, seu crescimento através de uma produção intensiva em trabalho, o que barateia seus produtos, se deu em uma velocidade acima do que as fontes locais foram capazes de atender. O aumento, ainda que baixo, do nível de renda da população também amplia a demanda por produtos para consumo final dos trabalhadores.

Devido à extraordinária combinação entre o tamanho de sua população e produção industrial e a baixa renda per capita, o processo de urbanização e modernização do consumo chinês é fortemente intensivo em matéria-prima e energia. Ao lado da estrutura produtiva diretamente associada à construção civil, a China transformou-se no maior produtor mundial de automóveis e veículos, levando à grande expansão na indústria metal mecânica (CINTRA et.al., 2015, p.30 Apud FAROOKI E KAPLINSKY, 2012).

O primeiro destino das exportações chinesas foi a região asiática, porém o segundo mercado de destino foi a América Latina. A realização desse comércio deu espaço para parcerias comerciais que possibilitaram aos países um crescimento econômico e ganho de renda via exportação. Segundo Bittencourt (2012, p.83) “a China passou de parceiro medíocre - em 1990, a China representava apenas 0,6% do comércio total da América Latina - a um de seus principais parceiros o percentual em 2009 alcançou 9,7%”. Ainda segundo o mesmo autor, “enquanto a taxa de crescimento ao ano da corrente total de comércio da região foi de 11,8% a.a., com a China tal taxa foi de 28,9% a.a”. O caso brasileiro retrata bem o contexto acima destacado.

[...] o MERCOSUL, os Estados Unidos (EUA), a União Europeia (UE) e a China foram responsáveis por receberem 66,7% das exportações do Brasil, em 2000... Em 2010, passando a 58,3% das exportações. Chama a atenção que, para esses quatro principais destinos das exportações brasileiras, somente houve aumento da participação na pauta total da China... Recebia apenas 3,4% de todas as exportações

do país, em 2000, e 16,9%, em 2010, com forte incremento em termos absolutos (1.705,5% no período) (AZEVEDO et.al. 2015, p.31).

Para o mesmo período de quinze anos, o crescimento econômico brasileiro foi distinto e com padrão de inserção no sistema mundial de comércio também diferente. Ao passo das mudanças ocorridas na economia mundial e do crescimento econômico desigual entre os dois países, este trabalho tem como objetivo realizar uma breve análise das relações comerciais entre Brasil e China ao longo dos anos de 2000 à 2014, com enfoque na economia brasileira. A escolha do período de análise está ligada ao fechamento de um ciclo econômico vivido pela economia brasileira frente a três conjunturas distintas do cenário internacional e a mudança no panorama do comércio exterior provocada pela economia chinesa.

No primeiro capítulo descrevemos o cenário macroeconômico brasileiro através das principais variáveis disponíveis, buscando ainda demonstrar a influência das mudanças no mercado externo sobre a economia interna. Já no segundo capítulo, destinado diretamente às relações comerciais entre Brasil e o país asiático, descrevemos o comportamento da pauta exportadora e importadora brasileira em relação à China, com destaque para a composição delas. Em seguida, é realizada uma avaliação dos índices de concentração com referência a pauta importada e exportada àquele país e, por fim, analisado o saldo comercial entre os dois países.

CAPÍTULO 1 – O Comportamento da Economia Brasileira e a Evolução do Comércio Exterior no Período 2000-2014

O setor externo brasileiro passou por um forte crescimento nos últimos anos. Porém, para compreender tais mudanças é necessário analisar o cenário interno brasileiro. Logo, demonstraremos a economia brasileira através das principais variáveis econômicas e posteriormente, uma análise voltada ao setor externo.

1.1 A Economia Brasileira no Período 2000-2014

Ao longo do período 2000-2014, o Brasil enfrentou cenários econômicos distintos, o que por sua vez provocou políticas econômicas e consequentemente resultados diversos, para os quais nos atentaremos em demonstrar através dos principais indicadores econômicos. Para fins de melhor compreensão, ajustaremos o período de quinze anos em três grupos com base em suas similaridades.

O período de 2000 a 2003 foi marcado por baixas taxas de crescimento econômico e sucessivas desvalorizações cambiais. O cenário internacional começou a ficar mais favorável no ano de 2003, porém a economia brasileira ainda apresentou baixa taxa de crescimento. O regime macroeconômico foi marcado pelo chamado tripé macroeconômico.

Nesse período implantou-se e consolidou-se um novo regime de política macroeconômica caracterizado pelo “tripé macroeconômico”, composto por i) metas para o superávit primário do setor público, estabelecidas de forma a garantir a convergência da relação entre dívida pública e o PIB para níveis razoáveis; ii) câmbio flutuante, como variável de ajuste para garantir o equilíbrio do balanço de pagamentos; e iii) sistema de metas para a inflação, estabelecendo uma âncora para as expectativas inflacionárias (em substituição à âncora cambial) e definindo a política de juros como instrumento de controle da inflação. (Barros et. al. 2015; pag. 139)

O Produto Interno Bruto (PIB) de 2000 a 2003 apresentou uma variação média de 2,35%. Tal resultado reflete por sua vez, pela ótica da demanda, o baixo nível da formação bruta de capital fixo. Tendo a taxa de juros como instrumento para conter a inflação, o alto custo inibiu níveis mais elevados de investimento, associado

também às incertezas sobre os futuros resultados da economia e do cenário externo.

A balança comercial se torna positiva nos dois últimos anos (2002 e 2003) dessa primeira fase. Os mesmos, porém, são marcados por um ataque especulativo devido (entre outros fatores) às eleições presidenciais com forte possibilidade de vitória de um presidente de esquerda, e a taxa de câmbio de venda média atinge nível de aproximadamente R\$3,66 por dólar. As ações do ano de 2003 foram uma reação ao ocorrido em 2002.

A prioridade inicial do governo Lula foi recuperar a estabilidade monetária e fiscal e, nesse sentido, 2003 começou com a adoção de uma série de medidas restritivas. Do lado monetário, o BCB elevou a taxa Selic para combater o aumento da inflação e a depreciação da taxa de câmbio. Do lado fiscal, o governo elevou sua meta de resultado primário para conter o crescimento da dívida pública e diminuir o risco de insolvência do país. Consideradas em conjunto, essas duas iniciativas tiveram um impacto positivo nas expectativas de mercado sobre a evolução da economia e possibilitaram uma redução da taxa de câmbio e do prêmio de risco do Brasil já em meados de 2003. Não obstante esses ganhos, as ações restritivas do governo também tiveram um forte impacto negativo sobre o nível de atividade econômica e contribuíram para que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil desacelerasse de 2,7%, em 2002, para 1,1%, em 2003. (Barbosa, 2013; pag. 70)

A segunda fase, de 2004 a 2010, se caracterizou pela aceleração do crescimento frente aos anos anteriores. O cenário internacional foi bastante favorável na maior parte do período. O crescimento do PIB já em 2004 atinge 5,7% e alcança seu máximo em 2007, 6,1%, um ano antes da crise de 2008. O cenário externo positivo fez com que a liquidez internacional aumentasse, o que favoreceu o aumento no nível dos investimentos. Esses por sua vez atingiram a taxa média de 17% do PIB, sendo que em 2007 e 2008 atingiram as taxas respectivas de 17,4% e 19,1%, associados à melhora também nas taxas de juros e programas do governo de aceleração do crescimento.

Segundo Bastos et Al (2015, p.175), “Boa parte desta aceleração da atividade econômica veio do excelente comportamento da demanda interna, refletindo a forte expansão do consumo das famílias e do investimento.” O crescimento médio de 11,25% para os anos de 2004-2008 do consumo das famílias é fruto, dentre outros fatores, de políticas de fomento ao mercado interno como, por exemplo, a criação do

Bolsa Família e a elevação do salário mínimo real. Isso por sua vez permite a elevação do número de empregados, chegando a taxa de desemprego a 9,31% e 7,9% para os anos de 2007 e 2008 (IBGE/PME). Mesmo com o avanço do consumo e a elevação do nível de renda, a inflação média de 2004 a 2008, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), é de 5,22.

No balanço de pagamentos, mais especificamente no resultado das transações correntes, observamos os recorrentes superávits alcançados devido a alguns fatores. Dentre os quais, destacamos a balança comercial positiva, que mesmo com o avanço das importações no período (cerca de 14,25% em média), conviveu com um período de safra positiva no que diz respeito as *commodities* agrícolas e valorização dos preços no mercado internacional.

As melhores condições da conta corrente e a volta dos fluxos de capitais permitiram com que o governo rapidamente pagasse em sua totalidade e se tornasse livre dos empréstimos junto ao FMI e suas exigências no fim de 2005, que reduzisse a dívida externa total e acumulasse uma quantidade massiva de reservas internacionais logo depois. (SERRANO e SUMMA, 2011, pag.8)

O quadro de crescimento até então exposto começa a mostrar sinais de dificuldades no primeiro trimestre de 2008 e se modifica com a quebra do banco americano Lehman Brothers em setembro de 2008 quando se instaura uma crise mundial.

O ano de 2009 começou com um cenário externo totalmente diferente. Com a quebra do banco americano, a incerteza sobre a solvência da dívida dos principais títulos privados negociados mundialmente se espalhou, resultando em forte busca por liquidez e redução do crédito. Ainda no mesmo quadro, uma expressiva desvalorização atingiu o preço das *commodities*.

O primeiro impacto da crise internacional sobre o Brasil ocorreu de duas formas: uma contração abrupta e substancial da oferta de crédito e uma grande incerteza sobre a solvência de alguns grupos empresariais exportadores. Em primeiro lugar, no final de 2008, aproximadamente 20% da oferta de crédito interno no Brasil tinha como fonte de financiamento (funding) a captação de recursos fora do país. Assim, quando a crise se acirrou e a oferta mundial de crédito caiu, os bancos brasileiros responderam com uma contração da sua oferta interna de crédito. Em segundo lugar, durante o período de forte apreciação do real, em 2007 e na primeira metade de 2008,

várias empresas exportadoras brasileiras aproveitaram seu acesso a receitas em moeda estrangeira para montar operações especulativas de aposta na apreciação do real. Quando o Lehman Brothers quebrou e a taxa de câmbio subiu, algumas dessas empresas brasileiras tiveram grandes perdas patrimoniais e se viram à beira da insolvência. Juntando os dois movimentos, a quebra do Lehman Brothers gerou um quadro de incerteza sobre a situação de solvência da grande empresa exportadora no Brasil, num momento de queda na captação internacional por parte de bancos brasileiros, e resultou numa aguda contração creditícia no país ao final de 2008. (Barbosa, 2015; pag.80)

A redução no preço das *commodities* afetou diretamente o comércio exterior brasileiro e conseqüentemente os papéis de diversas empresas brasileiras, uma vez que o movimento do câmbio estava diretamente refletindo os efeitos dos principais produtos exportados. Logo, a queda da taxa de câmbio e o efeito anteriormente relatado resultaram, segundo Barbosa (2013), em “adiamento ou mesmo cancelamento de investimentos no final de 2008 e início de 2009.”

O ano de 2010 teve resultados que foram frutos das políticas anticíclicas adotadas pelo governo a fim de recuperar internamente o crescimento econômico. Para isso, o governo utilizou de meios como redução do depósito compulsório, redução da taxa de juros e outros impostos, realização de investimentos em infraestrutura e, ainda, o lançamento do programa Minha Casa Minha Vida para estimular a construção civil e a redução do déficit habitacional. Ainda pelo lado da demanda, ampliou os programas de redistribuição de renda e o aumento do salário real. Logo o resultado do PIB, sai de uma “recessão técnica” de -0,3% em 2009, para um crescimento de 7,5% em 2010.

Tendo em vista, porém que o crescimento foi puxado fortemente pelo aumento do nível de consumo, o governo identificou ser necessário já em 2011 reverter parte das políticas expansivas realizadas por conta do avanço da inflação, que atingiu 6,5% no ano. Outro ponto é a nova elevação no preço das *commodities*, especificamente dos alimentos, o que reflete diretamente no nível de preços da economia.

TABELA 1.1 - VARIÁVEIS MACROECONÔMICAS

	2000-2003	2004-2010	2011-2014
Média PIB real (var. %)	2,35	4,48	1,55
Inflação ao consumidor – IPCA (var. %)	8,875	5,28	6,16
Taxa Selic real – (% a.a.)	19,44	13,62	9,91
Taxa de desocupação – PME (%)	9,475	9,04	5,42
Taxa de câmbio - comercial R\$/US\$	2,54	2,15	2,03
Sálario mínimo real - (var. %)	3,41	6,62	2,92
NFPS resultado primário (%PIB)	-3,3	-3,11	-2,07

Fonte: IPEA. Elaboração própria.

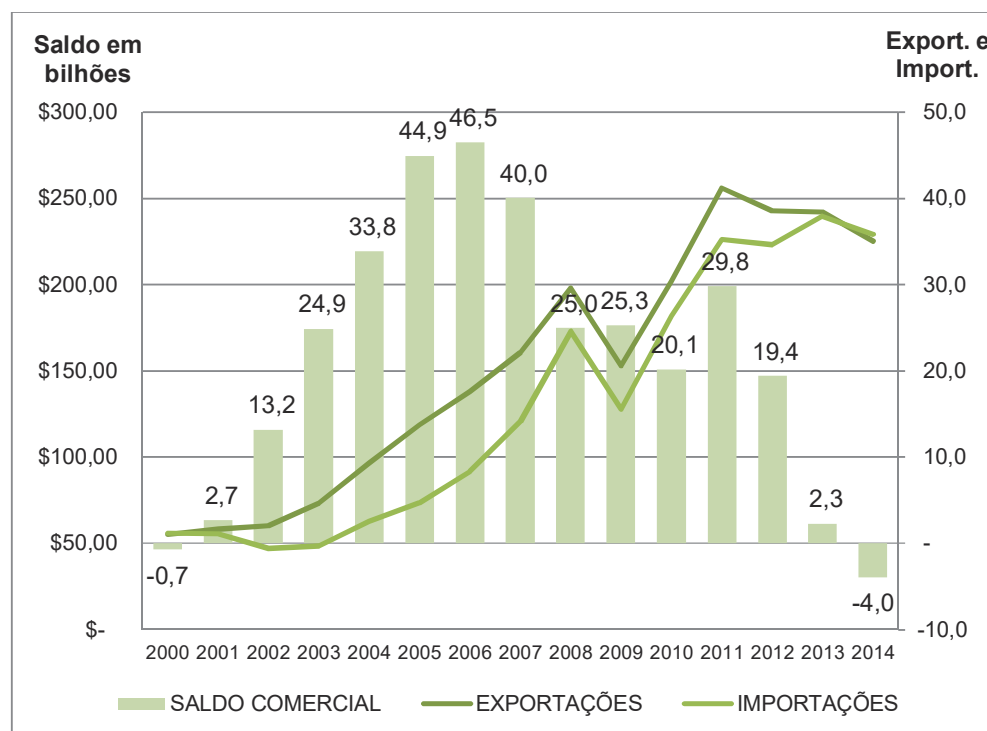
Podemos concluir que o período de 2011 a 2014 foi marcado pela redução da taxa média de crescimento da economia brasileira e por um comportamento menos favorável do cenário internacional. A redução do crescimento mundial e o comportamento mais suave do preço das *commodities* mediante o crescimento das importações modificaram o panorama da balança comercial.

1.2 O Comércio Exterior Brasileiro no Período 2000-2014

A presente seção tem por objetivo dar maior ênfase a Balança Comercial brasileira e seu comportamento ao longo do período de estudo. Para tal, trataremos a respeito do saldo comercial ao longo dos quinze anos e as principais características das exportações e importações em geral. O detalhamento, de forma sucinta, vai apresentar a divisão dos valores transacionados, agrupando-os para melhor compreensão.

Nos dois primeiros anos da série, o saldo comercial apresenta resultado negativo, porém, a partir de 2002, com a retomada de crescimento da economia mundial e a depreciação cambial inicia-se o período de superávits comerciais.

Gráfico 1.1 – Saldo comercial, Exportações e Importações.



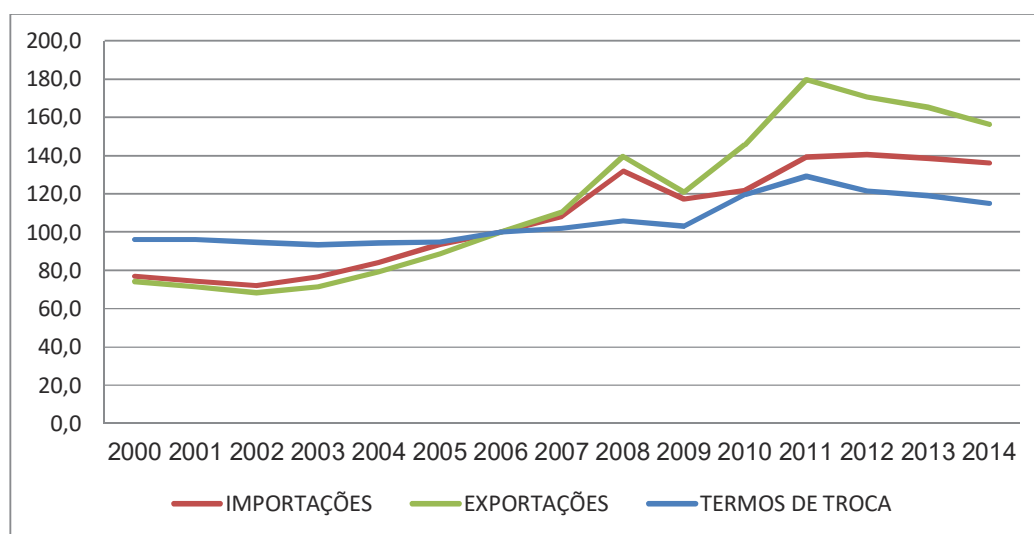
Fonte: SECCEX. Elaboração própria

Esses fatores podem ser demonstrados através da aceleração das exportações no período, atingindo crescimento de até 30% em 2002 e a depreciação cambial desacelerando o crescimento das importações, com 4% de crescimento para o mesmo ano. Os saldos positivos se estendem até o ano de 2013, mesmo com as importações obtendo em certos momentos taxas de crescimento mais elevadas frente às exportações. Para os anos de 2004 a 2007, o nível de renda brasileira aumenta, bem com as oportunidades de crédito, o que possibilitou um crescimento das importações até maior que os valores exportados.

O ritmo da economia global tem influência fundamental sobre os preços das *commodities*. Os períodos de expansão são, em geral, acompanhados por alta dos preços relativos desses bens, enquanto os de retração são acompanhados por declínio. Isto porque as matérias-primas agrícolas e os metais são insumos da produção industrial, de oferta relativamente rígida no curto prazo. Assim, apresentam em geral um comportamento pró-cíclico (WTO, 2003 Apud; Marçal e Prates, 2008).

Com a crise de 2008, a contração na economia mundial reduziu o nível das exportações brasileiras. As mudanças bruscas do comportamento do capital internacional colaboraram para a instabilidade da taxa de câmbio, que depreciou no segundo semestre de 2008 e voltou a se apreciar em 2009, o que por sua vez elevou o nível de preços dos produtos brasileiros no cenário internacional. Ainda como consequência, o elevado nível de renda dos anos anteriores, associado ao câmbio apreciado, permitiu o avanço das importações. Esse movimento ocorre concomitantemente à elevação dos termos de troca¹. Não obstante, as mudanças nos preços e na demanda internacional têm resultados sobre a balança comercial, que atingem o déficit de aproximadamente US\$4 bilhões, como demonstra o gráfico 1.1.

Gráfico 1.2 - Índice de preços das Import. e export. e termos de troca (média 2006=100).



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria.

¹ Definindo a média dos termos de troca do ano de 2006 como 100, temos um crescimento para 102,1 em 2007 e para 115 em 2014.

1.3 As exportações

Para podermos compreender o comportamento das exportações, não apenas do ponto de vista de seu crescimento, mas também da evolução de sua composição, vamos classificá-las com base nos chamados fatores agregados.

Seguindo este critério, os produtos básicos correspondem àqueles que guardam suas características próximas ao estado em que são encontrados na natureza, conseqüentemente, com baixo grau de elaboração. São exemplos deste grupo minérios, produtos agrícolas (café em grão, soja em grão, carne *in natura*, milho em grão, trigo em grão, etc.) Ainda conforme a SECEX (BRASIL, 2015), os produtos industrializados são os que sofreram transformações vultuosas. Dentro desses últimos, os produtos semimanufaturados são aqueles que ainda não estão em sua forma definitiva de uso, pois deverão passar por outro processo produtivo para serem transformados em produto manufaturado (ex.: açúcar em bruto => açúcar refinado; óleo de soja em bruto => óleo de soja em refinado; produtos semimanufaturados de ferro/aço => laminados planos; celulose => papel, etc.). O produto que se caracteriza como manufaturado possui maior tecnologia, conseqüentemente, com maior valor agregado, como por exemplo, televisores, *chip* de computador, automóvel. (PONTILI E REIS, 2015)

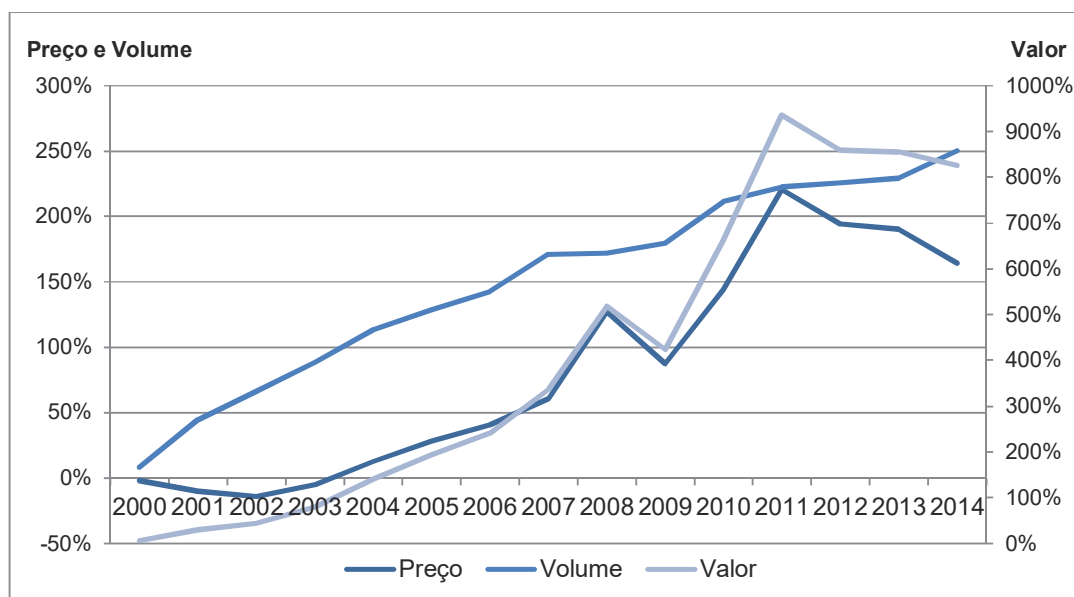
Devidos às características da produção nacional, os bens básicos são extremamente importantes para a composição da pauta exportadora. A evolução dos valores exportados de 2000 a 2003 demonstram um crescimento de aproximadamente 40% em relação ao ano-base. Tal resultado é fruto do avanço do volume exportado frente a uma redução do índice de preços que compõe a mesma categoria, associados a uma melhora no cenário internacional.

A aceleração do crescimento do volume exportado começa em 2004, quando a economia mundial tem melhores níveis de crescimento e se amplia a demanda internacional, resultando em cerca de US\$73 bilhões em 2008. O crescimento da demanda também demonstra resultados sobre os níveis de preços, que por sua vez tem valorização de 127% em 2008, se comparado ao ano 2000.

O ponto de máximo é alcançado em 2011, quando os bens básicos conseguem alinhar sua maior valorização no mercado associada a um crescimento contínuo do volume exportado. A partir de então, apesar dos preços terem reduzido no mercado internacional, os volumes ainda são crescentes até 2014, mesmo que

em ritmo menos acelerado. Isso permite compreender a redução sutil no valor total das exportações em 2014 frente a 2011, cerca de 11%. O gráfico a seguir ilustra a trajetória desta categoria através de comparações com o ano 2000.

Gráfico 1.3 - Evolução dos bens básicos em termos de preço, volume e valor (taxas de crescimento).



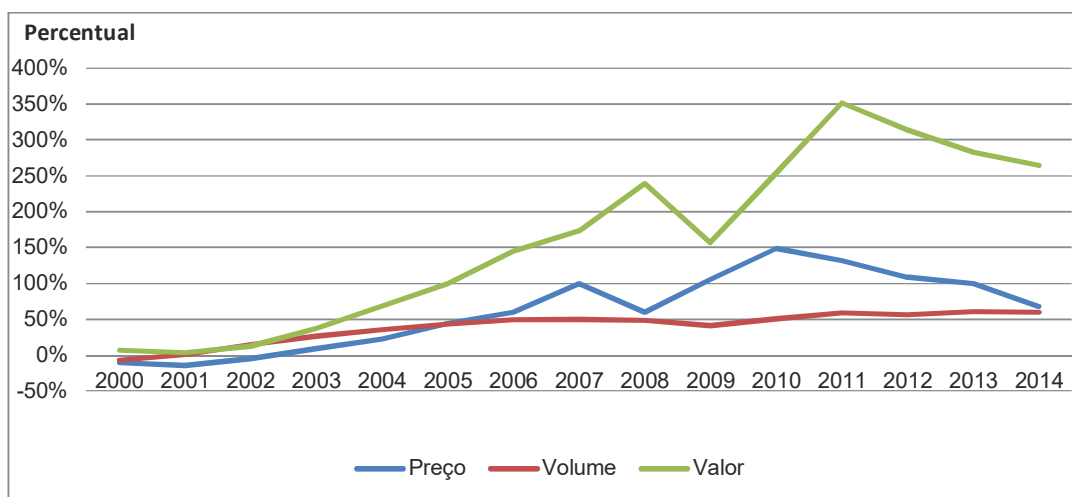
Fonte: IPEA. Elaboração própria.

Com menor competitividade no mercado internacional, os semimanufaturados brasileiros apresentam ao longo dos anos variações bem menos expressivas que as anteriormente demonstradas. De 2000 a 2003, seu nível de preços passa por uma valorização de apenas 8%, porém a quantidade exportada não evolui, o que resulta em uma taxa média de crescimento de 8,6% ao ano. Como dito anteriormente, o cenário mundial melhora para as exportações brasileiras a partir de 2004, o que permite uma valorização dos semimanufaturados, ainda que seu mercado não seja tão amplo. O crescimento mundial permite, por sua vez, uma ampliação também do volume exportado.

Os melhores anos dos bens semimanufaturados são resultado de dois pontos, conforme demonstrados no gráfico a seguir. O volume exportado a partir de 2006 sofre poucas variações para os anos seguintes, crescendo 7,3% até 2014. Com uma demanda relativamente estável, as variações positivas nos preços culminaram em US\$36 bilhões exportados em 2011. O patamar para os anos

seguintes é similar até 2014, apesar da queda suave do preço, com média de US\$32 bilhões.

Gráfico 1.4 - A evolução dos bens semimanufaturados em termos de preço, volume e valor (taxas de crescimento).

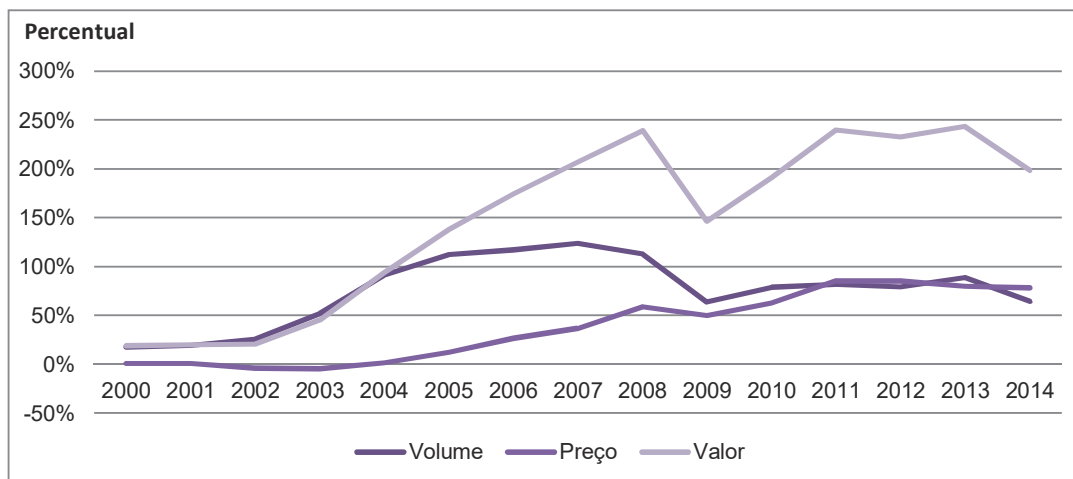


Fonte: IPEA. Elaboração própria.

Apresentando números bem próximos nos anos de 2000 a 2003, os valores exportados por essa categoria tiveram uma taxa de crescimento de aproximadamente 2% ao ano. Os avanços nos níveis exportados a partir de então tem ligação direta com a aceleração do volume exportado. Comparado ao ano inicial da série analisada, o quantum exportado cresceu em 2007 aproximadamente 89% sobre o ano 2000, como demonstrado no gráfico 1.5 a seguir.

Os níveis de preços começam a melhorar a partir de 2006 e alcançam seus melhores índices em 2008 e nos anos subsequentes. Entre os anos de 2008 e 2014, o índice de preços médio é de US\$135, aproximadamente, o que apresentam um crescimento de 69%. Logo, a desaceleração do crescimento do volume exportado a partir 2009, permanecendo em níveis estáveis até 2014, passa a ter um efeito menor sobre os valores totais exportados por conta do crescimento do nível de preços. De 2011 a 2013, o montante exportado tem valores médios de aproximadamente US\$92,5 bilhões.

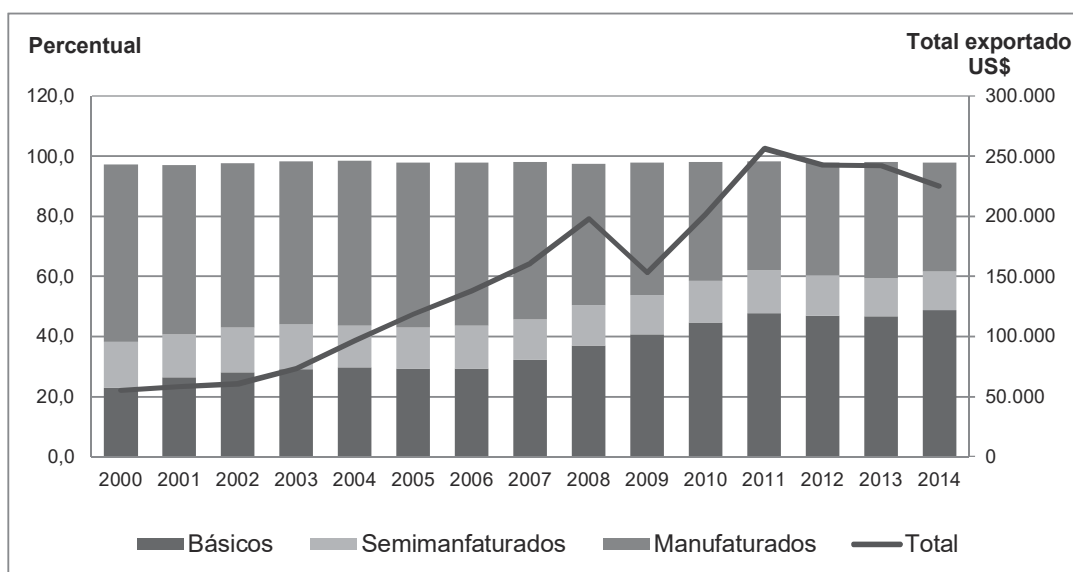
Gráfico 1.5 - Evolução dos bens manufaturados em termos de preço, volume e valor (taxas de crescimento).



Fonte: IPEA. Elaboração própria.

No que diz respeito a participação de cada categoria nas exportações brasileiras, o grupo de bens semimanufaturados é o que apresenta participação mais constante e menos expressiva, com média de 13,92% do total. Para os outros dois grupos existe uma mudança no que diz respeito a liderança nas participações. Até 2008 o setor de manufaturados era o mais expressivo, com participação média de 54,21%. A participação começa a se reduzir em 2007, culminando com 44% do total exportado no ano de 2009. Os bens básicos, por sua vez, apresentam crescimento suave, partindo de 22,8% em 2000 atingindo, em 2008, 36,9%. Em 2010, as posições entre esses dois últimos se invertem, apresentando para os anos seguintes proporções relativamente estáveis com 46,9% e 37,64% para básicos e manufaturados respectivamente.

Gráfico 1.6 - Participação nas exportações por fator agregado em percentual.



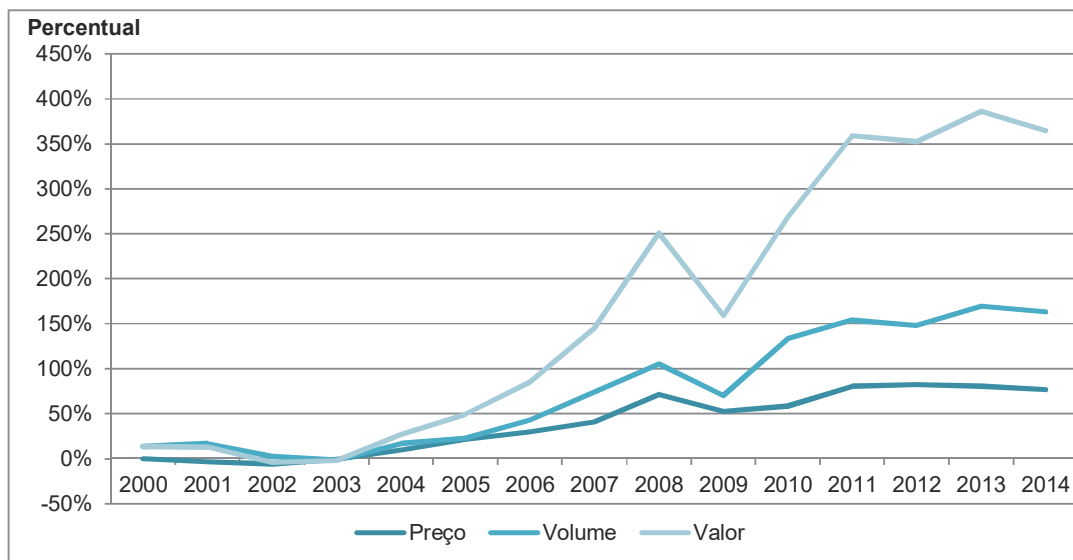
Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

1.4 As importações

Preservando a mesma análise realizada para as exportações, os valores importados pelo Brasil também demonstram crescimento ao longo dos anos, como demonstrado graficamente. Com o valor de médio de US\$51,75 bilhões, de 2000 a 2003, o quantum importado e os índices de preço são bem próximos não possibilitando crescimento das importações. De 2004 a 2008 a aceleração do crescimento tanto dos preços como do volume possibilitaram um avanço de 210% em termos de valor.

A partir de 2010, os avanços são diretamente ligados ao avanço do quantum exportado, com evolução mais sutil por parte dos níveis de preço. De 2010 a 2014 o índice de preços das importações cresceu aproximadamente 75% em relação ao ano inicial, enquanto o índice de volume progrediu 153%.

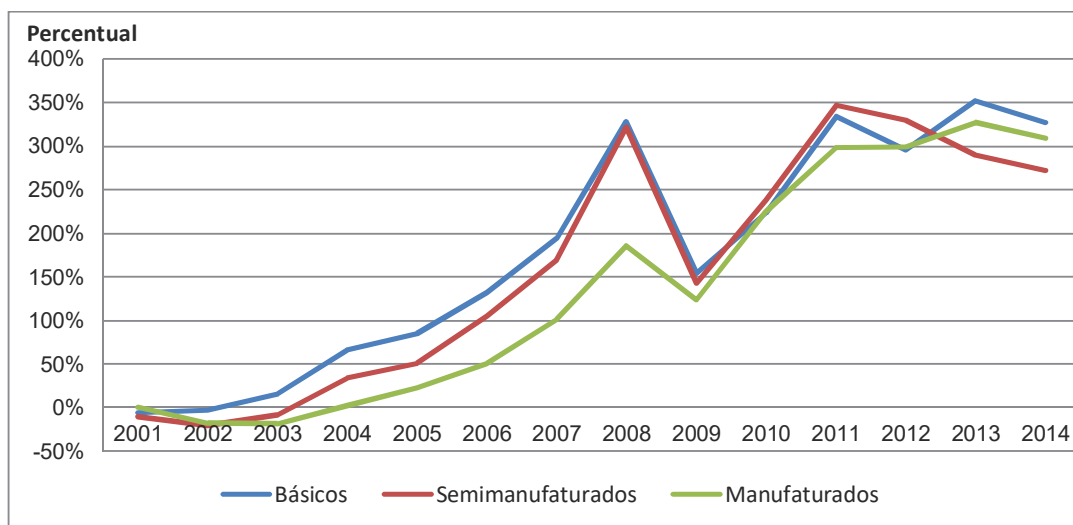
Gráfico 1.7 - Taxa de crescimento das importações em termos de preço, volume e valor.



Fonte: IPEA. Elaboração própria.

A principal relevância está para a composição das importações por fator agregado. Os resultados apresentados pelas categorias por fator agregados são relativamente constante ao longo dos anos, tendo em vista as necessidades de importação do país. Os bens manufaturados dominam todos os anos analisados ao longo dos anos e tem sua participação minimamente reduzida fruto da aceleração dos valores importados dos bens básicos superior a da mesma categoria juntamente com os bens semimanufaturados. Tal efeito perdura até o ano de 2008, quando os níveis de crescimento em valor se aproximam, estabilizando novamente as participações.

Gráfico 1.8 - Crescimento das import. por fator agregado (taxa de crescimento).



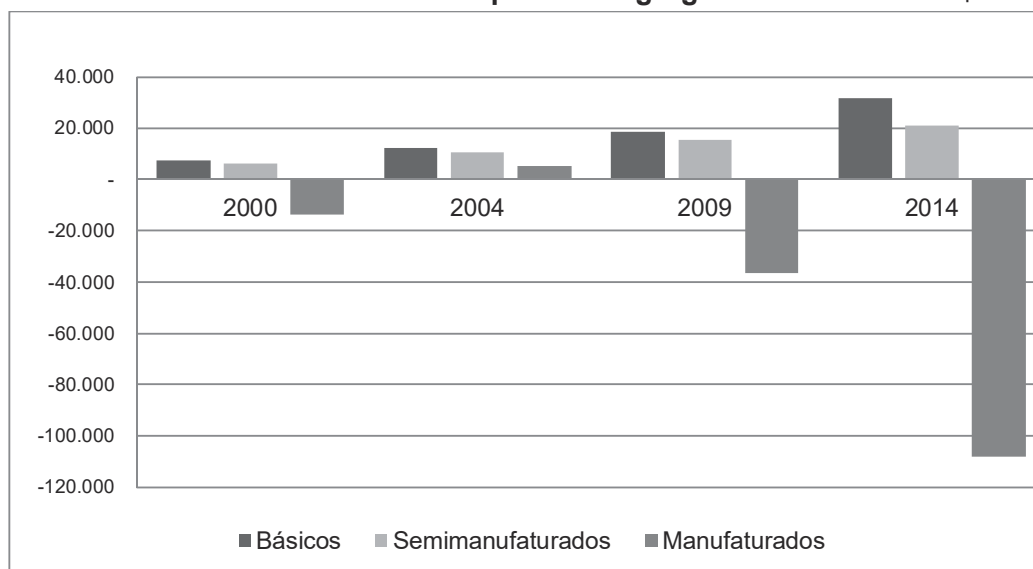
Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

Os bens semimanufaturados possuem a menor participação ao longo de toda a série analisada. Ao realizarmos a comparação entre o ano de 2008 e o ano 2000 a evolução da participação desta categoria é de apenas 34%, partindo de 3,8% para 5,1%. Estendendo a comparação ao ano de 2014, ainda podemos destacar um decréscimo da proporção em relação ao total exportado de 9%. Os básicos por sua vez, tem participação um pouco mais efetiva, com 13,2%. De 2004 a 2008, os anos mais vigorosos deste setor alcançam um percentual médio de 18,7%, como ilustrado em relação ao crescimento no gráfico anterior, todavia percentual participação ao longo de toda a série ilustra a relevância moderada que a importação de tal setor tem para a economia nacional. A participação dos manufaturados, que devido ao grau tecnológico e valor de mercado, alcançam 82,7% nos três primeiros anos. Sua importância, como dito anteriormente, somente se reduz porque nos primeiros anos enquanto as demais categorias tem crescimento em termos de valor, os manufaturados se mantem estáveis, retornando ao crescimento a partir de 2010, com 82,9%. Comparando tal resultado a média de todos os anos, podemos ilustrar tal equilíbrio, tendo em vista que a mesma é de, aproximadamente, 80%.

O gráfico 9 abaixo ilustra o saldo comercial por categoria em anos selecionados. Podemos notar que em 2014, comparativamente ao ano base (2000), houve uma exacerbação das posições iniciais. Saldos maiores para os bens básicos e semimanufaturados e déficit mais acentuado para os bens manufaturados. É interessante notar que durante esse período o saldo comercial dos três grupos foi

positivo em alguns momentos e o saldo comercial brasileiro se deteriorou na fase final do período 2000-2014.

Gráfico 1.9 - Saldo comercial por fator agregado em bilhões US\$



Fonte: SECCEX. Elaboração própria

Ao longo deste capítulo observamos na primeira sessão diferentes políticas exercidas pelo governo diante de distintas condições da economia brasileira que foram essenciais para condicionar melhores desempenhos junto ao setor externo. O início da década de 2000 devido as incertezas e baixo desempenho da economia mundial tiveram reflexos diretos nas exportações brasileiras de um modo geral. Todavia os ajustes fiscais e as dificuldades internas, atreladas ao câmbio se apreciando ao longo primeiros anos contraíram os volumes importados.

Os períodos de melhores resultados na economia mundial melhoram o nível de renda na economia brasileira, principalmente através da melhora dos termos de troca e ampliação da demanda. Tendo em vista as características da produção nacional, sua demanda direta diante do setor externo foi por produtos foi diretamente ligada aos produtos manufaturados, em contrapartida das exportações de *commodities* e bens básicos no geral.

CAPITULO 2 - As Relações Comerciais Brasil-China

O cenário de crescimento econômico que vigorou na economia mundial ao longo de boa parte dos anos 2000, assim como a trajetória de crescimento da economia chinesa, modificou a importância das relações comerciais do Brasil com os países desenvolvidos vis-à-vis aos países em desenvolvimento, em especial, com a própria China. O presente capítulo tem o objetivo de demonstrar a importância das relações comerciais entre Brasil e China, e analisar sua evolução ao longo dos anos 2000-2014.

2.1 A Participação da China no Comércio Exterior Brasileiro

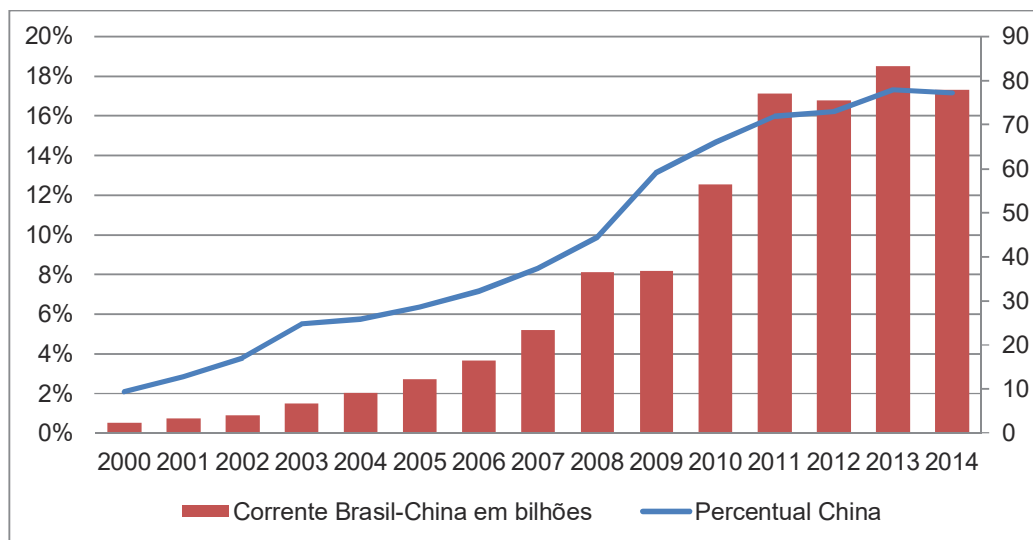
A evolução da participação chinesa nas transações comerciais transcorre de maneira gradativa ao longo dos quinze anos avaliados. Os resultados apresentados, tanto nas importações como exportações com destino àquele país, passam de valores modestos de aproximadamente 2% do total comercializado no ano 2000, passando, em 2005, para aproximadamente 6,34%, 14,69% em 2010 e 17,16% em 2014.

Podemos destacar como resultado mais relevante para ilustrar a solidez da nova parceria comercial com a China o ano de 2009. Após anos de acelerações dos valores transacionados, o ano de 2009 é marcado mundialmente pelos desdobramentos da crise de 2008, ou seja, uma redução das transações comerciais no mundo. No entanto, na contramão dos demais, os valores ligados diretamente à China seguem sua trajetória de crescimento, com um aumento em de 33,39%, alcançando 13,15% da corrente de comércio.

As mesmas características observadas para 2009 perduram para os anos seguintes com uma leve recuperação da economia mundial. Todavia, o avanço das transações com a China se torna cada vez mais expressivo. Mesmo em momentos de incerteza da economia mundial, ou de queda dos preços dos principais produtos

exportados pelo Brasil. Os valores alcançados em 2014 são os mais altos de todo o período, caracterizado por uma trajetória forte e ininterrupta.

Gráfico 2.1 - Participação chinesa na balança comercial

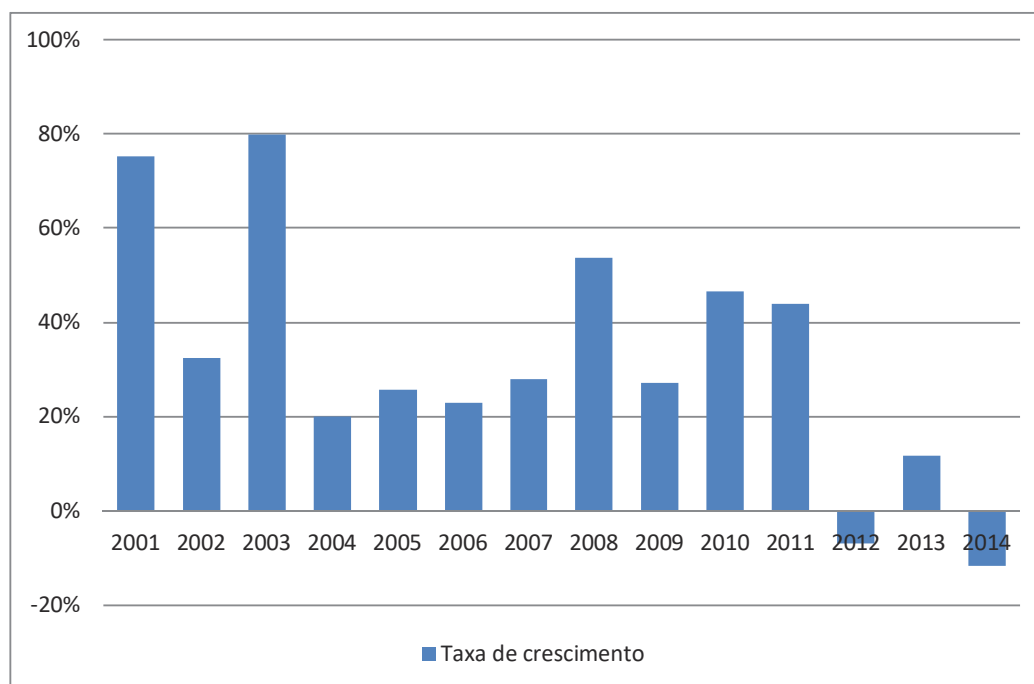


Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

2.2 O Comportamento das Exportações

Assim como a evolução demonstrada pela corrente de comércio realizada com a China, as exportações brasileiras com destino ao mesmo país apresentam resultados com características similares.

Gráfico 2.2 - Taxa de crescimento das exportações

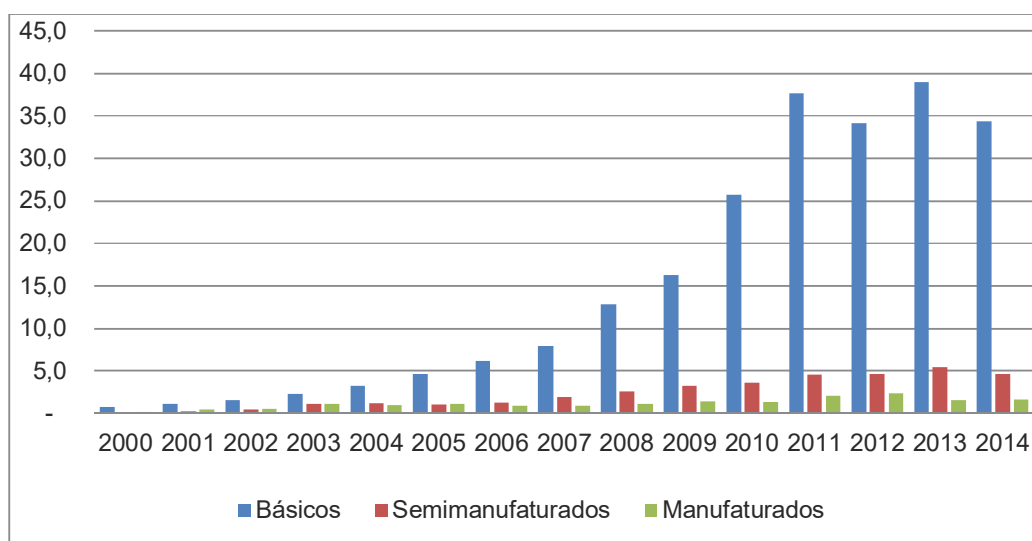


Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

O gráfico acima apresenta uma comparação dos valores exportados para a China em relação ao ano anterior, partindo de 2000. Partindo de um resultado exportado de aproximadamente US\$1,08 bilhões, o ano de 2007 apresenta crescimento de 890% em relação ao início do período, com valores comercializados de aproximadamente US\$10,7 bilhões. A partir do referido ano, o avanço da corrente de comércio entre os dois países pode ser visto através da aceleração das taxas de crescimento dos valores exportados em direção à economia chinesa em termos de valor. Os quatro últimos anos apresentam, em média, cerca de US\$43 bilhões e marcam em valor o ponto máximo do período analisado.

Abrindo a análise sobre a composição por fator agregado, a relevância do setor industrializado (semimanufaturados + manufaturados) tem uma elevação muito pequena ao longo de 15 anos. Com US\$5,4 bilhões em 2013, os produtos semimanufaturados foram responsáveis por impulsionar a categoria ao longo dos anos, com crescimento acumulado de 4,5 bilhões em 2014 em relação ao ano 2000. Já a produção manufaturada não demonstrou a mesma variação. Em quinze anos, o crescimento acumulado foi de US\$2,5 bilhões.

Gráfico 2.3 - Export. China - Fator agregado em bilhões US\$

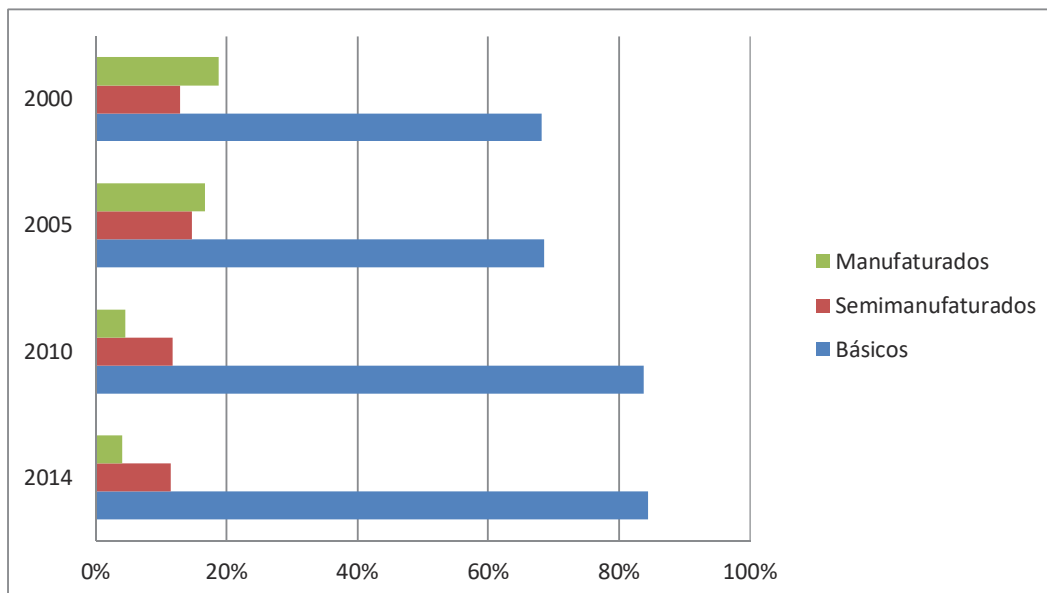


Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

Principal categoria de exportação do país em direção à demanda mundial, os produtos básicos são os principais responsáveis pelo crescimento das exportações com destino a China. Além do aumento na quantidade da demanda de várias *commodities* agrícolas e minerais, estimulado pelo vigoroso crescimento da China, a elevação dos preços internacionais desses importantes produtos na pauta de exportações brasileira também exerceu impactos positivos (Bittencourt et al,2012).

Em 2000 a produção básica exportada à China já era responsável por 68% do total destinado, com US\$739 milhões. Tal resultado se torna ínfimo se comparado aos valores já alcançados no ano de 2006 com US\$6,2 bilhões, ou ainda os US\$27,5 bilhões de 2010.

Gráfico 2.4 – Percentual export. China por fator agregado. Anos 2000, 2005, 2010, 2014.



Fonte: SECCEX. Elaboração Própria.

Em 2013 os bens básicos exportados alcançam a participação de 85% do total exportado, sendo o mesmo o ponto máximo em termos de valor, com US\$38,9 bilhões.

Logo é possível constatar que um dos fatores responsáveis pelo crescimento das transações comerciais entre Brasil e China foi a ampliação da demanda chinesa por produtos básicos brasileiros somados ao nível de preços internacionais mais elevados para tal setor exportador.

2.3 A Concentração da Pauta Exportadora para a China

Tendo em vista a alta concentração em termos de fator agregado, ampliaremos nossa análise para identificar quais produtos estão compondo de forma mais expressiva a pauta exportadora ao longo dos anos. Seleccionamos um grupo de produtos por serem os maiores valores transacionados ao longo de nosso período de análise e dividimos cada um deles pelo total exportado, para encontrar sua participação individual com relação à pauta.

$$CRk = \sum_{i=1}^n kpi$$

Onde:

k = enésimo número somado.

Pi = valor referente a participação de cada.

CRk = somatório das participações p de todos os k fatores.

O Índice CR-k é um artifício utilizado para demonstrar através do somatório das razões entre os k produtos de maior participação na exportação (ou importação). Quanto mais perto de zero, menos concentrado, e quanto mais perto de um, maior é a concentração.

TABELA 2.1 - Índice CR4 - exportações

	2000	2005	2010	2014
CR4	0,610	0,592	0,797	0,819

Fonte: AliceWeb. Elaboração própria.

A tabela acima apresenta a soma da participação dos quatro principais produtos exportados pelo Brasil nos anos selecionados e suas participações em relação ao total exportado, bem como a evolução dos mesmos para os demais anos. Tendo em vista o crescimento do índice CR4, em que o menor nível está próximo de zero e o maior próximo de 1, podemos observar que a pauta exportadora do Brasil em direção à economia chinesa elevou fortemente seu nível de concentração.

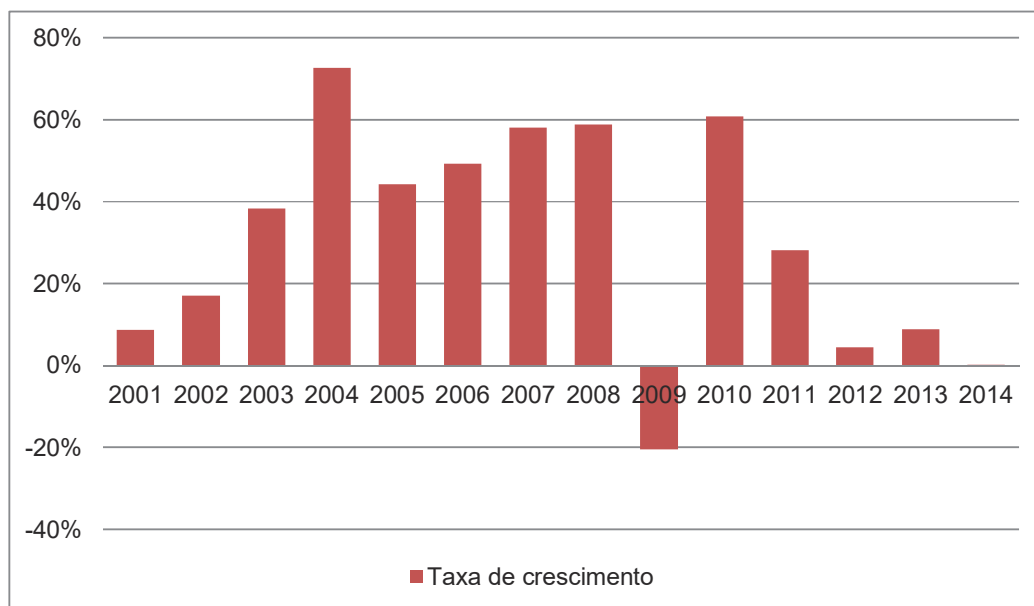
A tabela a seguir exhibe os principais produtos exportados. Compreendendo Grãos de Soja, Minério de Ferro (aglomerados e não-aglomerados) e Pasta Química de Madeira, tal resultado corrobora por sua vez com os dados apresentados a respeito da concentração por fator agregado e com a elevação dos preços das *commodities* no mercado internacional.

Quadro 2.1 - Os quatro principais produtos exportados para a China.	
2000	Outros grãos de soja, mesmo triturados.
	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados.
	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados.
	Pasta quim. De madeira n/conif.A soda/sulfato, branqueada.
2005	Outros grãos de soja, mesmo triturados.
	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados.
	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados.
	Óleos brutos de petróleo.
2010	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados.
	Outros grãos de soja, mesmo triturados.
	Óleos brutos de petróleo.
	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados.
2014	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura.
	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados.
	Óleos brutos de petróleo.
	Pasta quim. De madeira n/conif.A soda/sulfato, branqueada.
Fonte: AliceWeb. Elaboração própria	

2.4 - As Importações

As importações provenientes da China por sua vez alcançam níveis bem parecidos com os valores exportados. O diferencial a ser destacado, porém, fica a cargo das acelerações do crescimento um pouco mais sutis a partir do ano de 2005 até o final da série estudada. De 2000 até 2003, as importações se limitaram a US\$2,1 bilhões. Já em 2008, as importações haviam crescido US\$18,8 bilhões em relação a 2000, alcançando US\$20,04 bilhões.

Gráfico 2.5 - Taxa de crescimento das importações



Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

Tendo em vista a economia chinesa ter obtido resultados vigorosos ao longo dos últimos anos, sua produção em larga escala ganhou competitividade no mercado externo em direção aos países em desenvolvimento e encontrou nos mesmos um cenário de expansão do nível de renda, que por sua vez possibilitou a elevação das importações. O mesmo pode ser visto com o quadro brasileiro, que em 2010 já importava US\$25,6 bilhões do país oriental.

As importações provenientes da China estabilizaram em valor a partir de 2011, quando passa a apresentar taxas de crescimento cada vez menores até o fim do período.

TABELA 2.2 - Importação brasileira - China
Totais por Fator Agregado em Bilhões US\$

ANO	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS
2000	0,101	0,016	1,105
2001	0,140	0,019	1,170
2002	0,227	0,019	1,308
2003	0,326	0,027	1,795
2004	0,389	0,051	3,270
2005	0,246	0,067	5,041
2006	0,203	0,085	7,703
2007	0,322	0,092	12,208
2008	0,864	0,106	19,074
2009	0,256	0,043	15,612
2010	0,536	0,105	24,955
2011	0,888	0,103	31,800
2012	0,724	0,104	33,423
2013	0,852	0,065	36,386
2014	0,673	0,093	36,575

Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

Abrindo a composição por fator agregado podemos observar que quando se trata de importação proveniente do país asiático, a produção semimanufatureira destinada ao Brasil não foi relevante em ponto algum ao longo dos anos estudados, que de 2009 a 2014 não alcançou sequer 0,5% do total segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior.

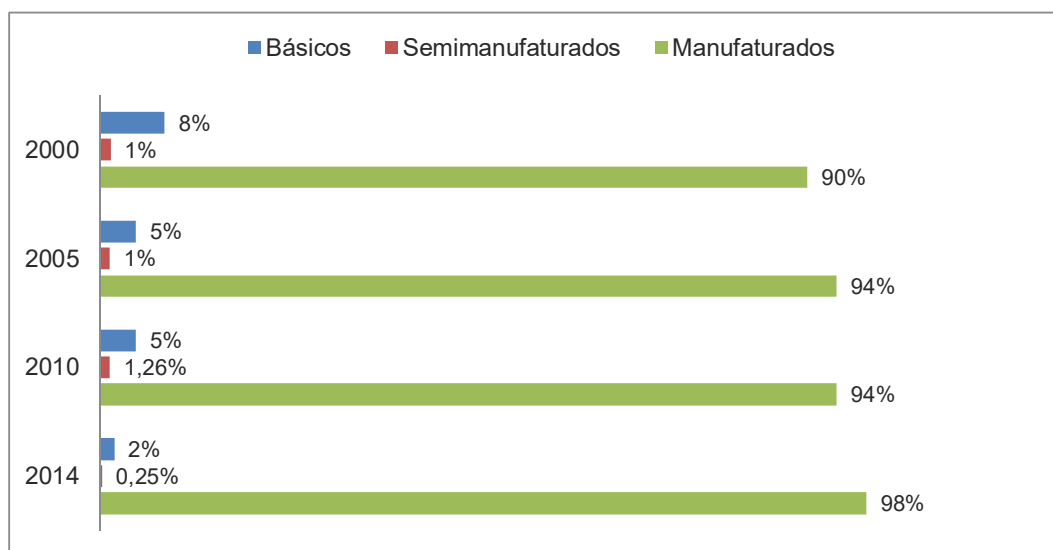
Com relação à produção básica, o setor é caracterizado por produtos que se encontram com maior proximidade do seu estado natural. Como a economia brasileira conseguiu se manter competitiva nesse estrato, a importação de bens provenientes da China apresentou comportamento diferente do observado para as outras categorias. Apesar do crescimento dos valores, a importância do setor para as importações brasileiras ficam em torno de 6%.

Fica com o papel de destaque então os produtos manufaturados, com um resultado médio de aproximadamente 93% do total importado. Tendo em vista que nas importações totais do Brasil, conforme visto no capítulo 1, o crescimento do

quantum importado foi superior ao do nível de preços, o avanço nos valores importados provenientes da China podem ser explicados por volumes cada vez maiores. Já no ano de 2005 as importações somavam mais de US\$5 bilhões, sendo sucedido por um crescimento vigoroso em todos os anos seguintes, com US\$24 bilhões em 2010 e US\$36 bilhões em 2014.

Os grandes investimentos realizados pela China implicaram em um ganho competitivo na produção com grau elevado de tecnologia. Tal fator atrelado à mão-de-obra barata fez com que principalmente o setor manufaturado chinês encontrasse mercado. Essa produção por sua vez encontra nos países em desenvolvimento a oportunidade de ganho de mercado em relação aos nacionais ou importados de outros países, podendo atender com melhor preço nas etapas produtivas ou voltadas ao consumo final. Podemos considerar, portanto, que o aumento na importação de produtos manufaturados provenientes da China é o outro fator responsável pelo aumento dos valores transacionados com o mesmo país ao longo do período estudado, tendo em vista sua relevância para a mesma pauta.

Gráfico 2.6 - Percentual Import. China por fator agregado. Anos 2000, 2005, 2010, 2014.



Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

2.5 A Concentração da Pauta de Importação Proveniente da China

Seguindo a mesma linha realizada com as exportações, analisamos a concentração da pauta de importação proveniente da China. Diferentemente dos resultados observados quanto à exportação, os quatro maiores produtos importados em cada ano detêm um baixo percentual em relação ao total, o que implica por sua vez em uma pauta mais diversificada. Além da pauta diversificada, a tabela a seguir representa as características ilustradas com relação ao fator agregado. Os índices de concentração cada vez mais baixos atrelados aos valores importados, que foram sempre crescentes no período e a dominância da composição manufaturada colaboram para demonstrar que o avanço dos níveis de renda e da evolução da competitividade brasileira possibilitaram as importações avançar em setores diferentes, correspondendo as novas características da demanda brasileira.

Quadro 2.2 - Os quatro principais produtos importados da China.	
2000	Coques de hulha, de linhita ou de turfa.
	Outs. Partes p/aparelhos recept.Radiodif.Televisão, etc.
	Dispositivos de cristais líquidos (LCD).
	Glifosfato e seu sal de monoisopropilamina.
2005	Outras partes p/aparelhos transmissores/receptores.
	Dispositivos de cristais líquidos (LCD).
	Coques de hulha, de linhita ou de turfa.
	Outros aparelhos videofônicos de gravação/reprodução.
2010	Outras partes p/aparelhos transmissores/receptores.
	Dispositivos de cristais líquidos (LCD).
	Outras partes para aparelhos de telefonia/telegrafia.
	Tela p/microcomputadores portáteis, policromáticas.
2014	Outras partes para aparelhos de telefonia/telegrafia.
	Outs. Partes p/aparelhos recept.Radiodif.Televisão, etc.
	Terminais portáteis de telefonia celular.
	Tela p/microcomputadores portáteis, policromáticas.
Fonte: AliceWeb. Elaboração própria.	

Dos produtos presentes, apenas o item Coques de hulha, de linhita ou de turfa e o item Glifosato e seu sal de monoisopropilamina apresentam um emprego menor de tecnologia e de processamento, sendo todos os demais fazem parte da composição manufaturada.

TABELA 2.3 - Índice CR4 - importações

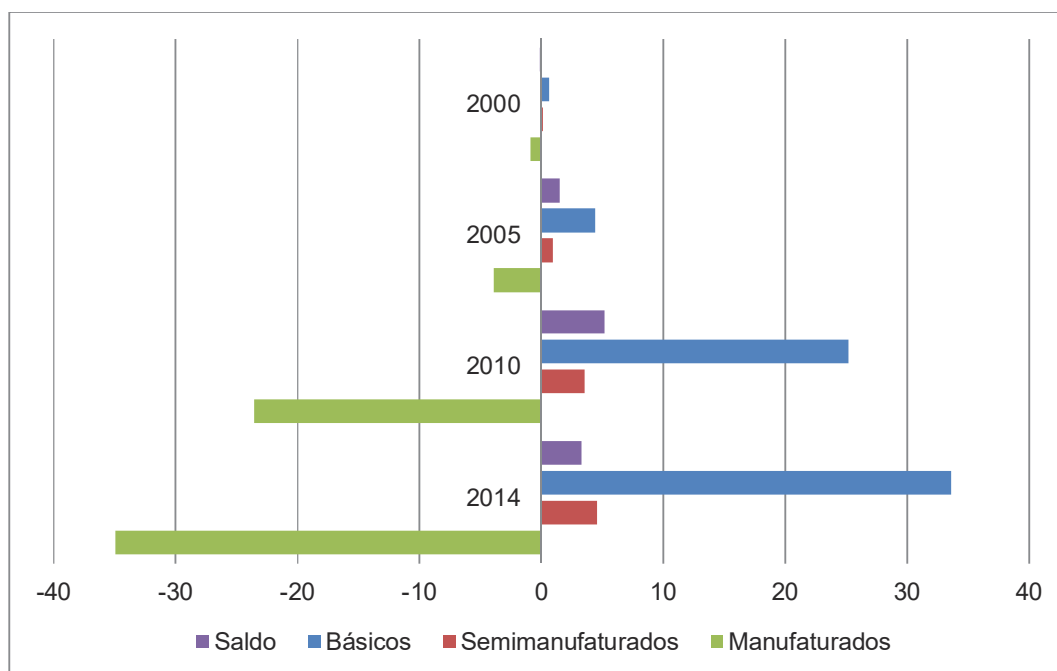
	2000	2005	2010	2014
CR4	0,149	0,175	0,099	0,102

Fonte: Aliceweb. Elaboração própria.

2.6 O Saldo Comercial na Relação Brasil-China

Tendo em vista as características observadas com relação ao fator agregado, o gráfico a seguir apresenta os saldos comerciais separados por setor. Podemos observar que apesar do grande crescimento dos saldos líquidos importados da China de produção manufaturada, a comparação em termos de valor mostra que o mesmo não foi suficiente para superar os saldos positivos realizados pela exportação brasileira básica e de semimanufaturados, onde o Brasil se mostrou superavitário. Logo, os saldos comerciais com a China ao longo dos anos foram predominantemente positivos.

Gráfico 2.7 - Saldo comercial por fator agregado em bilhões US\$.



Fonte: SECCEX. Elaboração própria.

O presente capítulo possibilitou compreender que os avanços na economia mundial colaboraram para a elevação dos níveis de preço dos principais produtos exportados pelo Brasil. Paralelamente, as altas taxas de crescimento econômico chinês ampliaram o mercado para as exportações principalmente da produção básica do Brasil para um grupo concentrado de produtos, possibilitando um melhor nível de renda na economia nacional. Ainda com relação ao crescimento chinês, a evolução de sua competitividade possibilitou o acesso a produtos com elevado grau tecnológico por parte dos países em desenvolvimento, o que por sua vez explica o crescimento das importações brasileiras com características predominantemente manufaturadas.

Conclusão

A pauta exportadora do Brasil para a China mostra o papel predominante da exportação de bens básicos, seguidos dos bens semimanufaturados. Sendo o setor básico mais sensível a variações do nível de preços no mercado internacional, o crescimento chinês e sua demanda forte por *commodities* contribuíram para a elevação dos valores exportados pelo Brasil, tanto por sua influência na cotação internacional como pela expansão do volume exportado ao longo dos anos e, por conseguinte, permitiu uma melhora no nível de renda da economia nacional. Adicionalmente, a pauta exportada em direção à China demonstrou-se cada vez mais concentrada.

Em contrapartida, a melhor conjuntura econômica brasileira possibilitou o aumento dos valores importados provenientes do país oriental. Os produtos chineses exportados para o mundo em grande escala, direcionados a diferentes setores, alcançaram os mercados latinos a preços competitivos e com certo grau de tecnologia agregada na produção. Isso implica em uma pauta importadora brasileira proveniente da China composta de maneira predominante por produtos com maior grau de elaboração do que os exportados do Brasil para o país asiático. No que diz respeito à concentração, os índices de concentração diminuíram apesar do crescimento do valor importado.

Portanto, enquanto a pauta exportadora do Brasil para a China é concentrada em produtos menos elaborados, com preços mais voláteis e se encontra cada vez mais concentrada; a pauta importadora absorve bens mais elaborados, com preços menos voláteis e se encontra em processo de diversificação.

Dois pontos podem ser levantados em relação aos desdobramentos do comércio exterior brasileiro. Devido ao avanço das relações sino-brasileiras com uma característica específica de importação por parte do país asiático, merece atenção o quanto o Brasil está se tornando dependente do avanço da demanda chinesa. Uma segunda questão é o fato do grande nível de importações manufaturadas provenientes da China. Tendo em vista o custo menos elevado, é necessário observar se tais produtos estão se mostrando competitivos frente a produção nacional, comprimindo o crescimento de determinados setores. Em caso

positivo, pode nos ajudar a compreender o fato de encontrarmos déficits na balança comercial, especificamente no setor manufaturado.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, André; VOGEL, Gabriel. Intensidade tecnológica das exportações do Brasil e de Estados selecionados (2000-2010). **Rev. Adm. UFSM**, v. 8, número 1, p. 26-41, MAR. Santa Maria. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/viewFile/6708/pdf>> Acesso em: 15 mai.2016.

BARBOSA, Nelson. Dez anos de Política Econômica. In: **Dez anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. Boitempo Editorial. São Paulo. 2013. Disponível em:

<[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/BERNARDO%20MANCANO%20FERNANDES/10 ANOS GOVERNOS.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/BERNARDO%20MANCANO%20FERNANDES/10%20ANOS%20GOVERNOS.pdf)> Acesso em: 20 mar.2016.

BASTOS, Fernando K.X. et. al. **Economia brasileira no período de 1987-2013: relatos e interpretações da análise de conjuntura** no Ipea. IPEA. Brasília. 2015. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/151218 livro economia brasileira.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/151218_livro_economia_brasileira.pdf)> Acesso em: 13 mar.2016.

BITTENCOURT, Gustavo, et al. **El impacto de China en América Latina: Comercio e inversiones**. Red Mercosur de investigaciones económicas. Montevideo. 2012. Disponível em: <http://cienciassociales.edu.uy/departamentodeeconomia/wp-content/uploads/sites/2/2013/archivos/Libro%20China_AL.pdf> Acesso em: 18 fev.2016.

CINTRA, MARIA; MEDEIROS, CARLOS. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. **Revista de economia política**, vol. 35. 2015. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/PDF/138-2.PDF>> Acesso em: 01/12/ 2015.

MARÇAL, Emerson F; PRATES, Daniela. O papel do ciclo de preços das *commodities* no desempenho recente das exportações brasileiras. **Revista Análise Econômica** nº 49. 2008. Porto Alegre. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/AnaliseEconomica/article/view/10909/6486>> Acesso em: 20 abr.2016.

PONTILI, Rosangela; REIS, Daiane. **Análise das relações comerciais entre Brasil e China de 2003 a 2014.** In: Conferência internacional de Gestão de Negócios 2015. UNIOESTE. Cascavel. 2015. Disponível em: <[http://cac.php.unioeste.br/eventos/cingen/artigos_site/convertido/7 Economia Internacional/Analise das relacoes comerciais entre Brasil e China de 2003 a 2014](http://cac.php.unioeste.br/eventos/cingen/artigos_site/convertido/7%20Economia%20Internacional/Analise%20das%20relacoes%20comerciais%20entre%20Brasil%20e%20China%20de%202003%20a%202014)> Acesso em: 05 mai.2016

SERRANO, Francklin; SUMMA, Ricardo. **Política Macroeconômica, crescimento e distribuição de renda na Economia Brasileira dos anos 2000.** In: IV Encontro nacional da associação keynesiana brasileira (akb). Rio de Janeiro. 2011. Disponível em <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/encontros/2011/57.pdf>> Acesso em: 23 mar.2016.